

Dezembro

SEDUÇÃO #1 *O Primeiro Encontro*

O dia da primeira sedução chegou e dei por mim a pensar como os acontecimentos especiais da vida, como comprar os presentes de aniversário e manter o contacto com velhos amigos, eram sempre da minha responsabilidade. Por que motivo tinha de ser eu a inventar a primeira sedução? Talvez pudéssemos ter uma pequena conversa sobre o assunto naquela noite e talvez conseguíssemos fazer uma tabela para afixar na parede ou qualquer coisa parecida. Quando se tem uma tabela afixada na parede, sabemos sempre a quantas andamos.

Mas depois, a certa altura (na verdade, foi por volta das cinco da tarde e o Herbert ia chegar a casa dali a uma hora), apercebi-me de como estava a ser mesquinha. O espírito da coisa não era olho por olho, dente por dente, nem arrastar as nossas pequenas irritações para a iniciativa. Uma sedução é um acto de generosidade, um gesto de boa vontade. A resistência que eu estava a sentir prendia-se com o medo e não com um genuíno sentimento de injustiça.

Quase me arrastei até à banheira e consegui rapar as pernas e as axilas com o mínimo de sangramento. Era um bom (embora invulgar) presságio. Podia não ter uma sedução preparada, mas pelo menos estaria adorável quando ele chegasse a casa. Pus um pouco de perfume e ainda pensei em vestir aquele vestido vermelho terrivelmente sensual que usei na última festa de Natal. Não, pensei, naquela noite não ia mascarar-me de alguém que não era; ia vestir-me como eu própria. Queria sentir-me descontraída e à vontade, não amarrada como um peru ridículo. Havia um tom demasiado notório de dona de casa suburbana nesse tipo de preparação. Depois de alguma deliberação, vesti umas meias de liga com costura, as minhas melhores cuecas de folhos, uma saia de ganga e uma camisola às riscas. Quando me vi ao espelho, senti-me aliviada por ter um aspecto bastante normal, ainda que um pouco mais cuidado.

Foi só quando estava a maquilhar-me (com muito *eyeliner* preto, em homenagem ao Herbert e à sua infeliz paixoneta pela Gwyneth Paltrow em *Os Tenenbaums*), que me ocorreu a ideia. E se voltássemos ao início de tudo?

Quando conheci o Herbert, ainda estava a viver com a minha mãe, por isso ficava em casa dele aos fins-de-semana. Costumava levar as minhas coisas numa pequena mala velha, castanha, e encontrava-me com ele no *pub*. Desde essa altura, o H já comentara, com os olhos nublados, que sempre que me via com aquela mala na mão, sabia que ia ter sorte. A velha *McCoy* já se tinha desintegrado, depois de andar demasiadas vezes à chuva no caminho para casa, mas eu tinha um pequeno malote azul que comprara numa loja de artigos usados que era capaz de servir. Obviamente, seria inútil se não saísse de

casa. Tinha de me encontrar com o Herbert no pub, para resgatar aquela sensação de «primeiro encontro».

Quem me dera ter pensado naquilo antes das seis da tarde. A rezar para que o trânsito de sexta-feira atrasasse um pouco o regresso do Herbert, procurei apressadamente por toda a casa o maldito malote azul. Quando finalmente o encontrei (enfiado no espaço ao lado do sofá, claro) estava cheio de livros. Deitei os livros para o chão da sala de estar, mas arrumei-os de imediato, porque percebi que não havia nada minimamente sedutor em regressar para uma casa em estado de sítio (embora pudesse ter servido para reproduzir o estado da casa do Herbert quando o conheci). Coloquei a minha mala, o telemóvel e as chaves dentro do malote, calcei os meus fantásticos sapatos brancos e pretos novos e saí de casa quase a correr, esperando não me deparar com o Herbert a subir a rua.

Na verdade, o que aconteceu foi que o nosso gato, o *Bob*, me seguiu quase até ao *pub*, à espera de um pouco de atenção. Porém, do H nem sinal. Consegui impingir o gato a uma senhora que passava por ali com uma criança pequena e entrei no *pub*, onde pedi uma calmante vodca tónica. Num impulso, perguntei ao empregado do bar se me podia reservar uma mesa no restaurante do piso de cima um pouco mais tarde.

Aquele seria um encontro um pouco mais adulto do que quando nos conhecemos. Que foi num bar *gay* na véspera de Natal de 1995. Tinha ido ao bar com outro homem que não demorou muito a sair sem mim. Eu não conduzia, já não havia autocarros em circulação e a minha mãe só me podia ir buscar dali a duas horas. Não tive hipótese senão sentar-me sozinha e esperar que alguém quisesse

conversar comigo. Felizmente, essa pessoa foi o Herbert. Assim que se sentou ao meu lado, senti-me como se tivesse sido atingida pelos faróis de um tractor. Fui para casa, para junto da minha família, e disse-lhes que me tinha apaixonado.

Mas agora, naquele momento, naquele lugar, apercebi-me de que estava surpreendentemente nervosa. Tudo me parecia um pouco arriscado. Esperava que o Herbert não ficasse desiludido. Enquanto levava a bebida para a mesa, reparei que um par de homens que estava no bar olhava realmente para mim. Aquilo não me acontecia há muito, muito tempo. Devia ter que ver com o meu ar determinado; ou talvez fosse só porque era uma mulher sozinha numa sexta-feira à noite. Mandei uma mensagem ao H: *Para a minha primeira sedução, vamos sair. Quando estiveres pronto, vem ter comigo ao pub.*

Não obtive resposta. Engoli em seco e olhei para a minha vodca tónica, pensando que o mais provável era ele não ter bateria no telemóvel. O Herbert andava sempre sem bateria no telemóvel. Quinze minutos depois, recebi uma mensagem que dizia: *Ótimo. Estou a caminho.*

Estava reduzida a beber o gelo derretido no fundo do copo, quando ele chegou, com a sua melhor camisa e um ar ainda mais assustado do que o meu. Que par ridículo que nós fazíamos. O Herbert foi até ao bar e trouxe-me um Cosmopolitan, que bebi, agradecida.

— Olha — disse-lhe —, trouxe a minha mala comigo, como nos bons velhos tempos.

Ele ficou com um ar atordoado durante alguns instantes, depois deu uma gargalhada.

— O que trazes aí dentro?

— Oh, receio que só as chaves. E a carteira — respondi.

Mas depois daquilo ficámos um pouco mais descontraídos. Conversámos alegremente e ele pousou a mão no meu joelho. Sentia-me muitíssimo bem — um pouco entusiasmada por estar com ele. Normalmente, o Herbert achava inútil irmos só os dois ao *pub*, mas naquela noite significava que tínhamos de prestar atenção um ao outro, em vez de aterrarmos em frente à televisão durante um par de horas antes de adormecermos.

— Antes de sair, ainda pensei se devia ter vestido o fato — admitiu ele algum tempo depois.

Fiquei contente por ele sentir que aquela ocasião era potencialmente importante, mas também fiquei satisfeita por ter decidido que não valia a pena vestir o fato.

Para abreviar a história, bebemos mais algumas bebidas, o jantar foi simpático (tive de trocar o primeiro prato com o Herbert, que ficou bastante alarmado com a vitela assada, mas mal passada), depois fomos para casa e para a cama. Neste ponto dos acontecimentos, o resto da noite fica resguardado sob um véu, não porque quero ser discreta, mas porque a minha memória estava um pouco turva depois de ter bebido dois *cocktails*, uma vodca tônica e metade de uma garrafa de vinho. Tenho uma vaga ideia de que a noite incluiu uma Cowgirl Invertida, mas não posso adiantar mais. No entanto, posso divulgar que também fizemos sexo (inteiramente espontâneo) na tarde seguinte.

É provável que a nossa primeira sedução vos pareça bastante tímida para um casal que já fez sexo antes, mas não podem esquecer-se que o nosso ponto de partida era bastante baixo.

Com exceção do início da nossa relação, eu e o Herbert nunca tivemos sexo com muita frequência. Nunca foi uma parte importante da nossa identidade enquanto casal. Isto não quer dizer que não gostamos de sexo; mas apenas que é frequente nenhum de nós estar para aí virado. No entanto, nos últimos dezoito meses, esta situação piorou por um motivo bastante específico.

Durante os últimos dezoito meses tinha estado, de forma mais ou menos continua, com o período. Em julho, tirei o meu implante contraceptivo. O que foi uma grande asneira. O meu corpo parecia ter-se esquecido como se devia regular sem a ajuda de hormonas sintéticas. Estava numa grande embrulhada emocional, hormonal e física, sempre cheia de enxaquecas, náuseas, tornozelos inchados e dores misteriosas que nos dias maus pareciam irradiar da barriga até aos pulsos. Se puxassem as minhas pálpebras para trás, veriam que o seu interior era de um branco puro. Andava permanentemente exausta.

O meu erro foi mencionar à minha médica de família que estávamos a pensar ter um filho. Parece que foi há tanto tempo; o desejo de me reproduzir esvaiu-se de mim, juntamente com os últimos resquícios da minha energia. Mas algures no meu processo médico devia haver uma anotação sobre o assunto, porque de cada vez que lhe perguntava o que podíamos fazer, ela sugeria-me uma fertilização medicamente assistida. Não queria uma fertilização medicamente assistida, só queria sentir-me melhor.

Em Abril cansei-me de ouvir: «Vamos esperar quatro meses e ver se isto acalma.» Sentia que nessa altura já não restaria nada de mim. Pedi que me colocasse um DIU, porque tinha feito parar o período completamente quando o usara, anos antes. A médica olhou para mim horrorizada e perguntou-me se entendia que não podia engravidar com um DIU. Senti que estava a quebrar um tabu, dizendo que talvez não me importasse de não ter filhos. Foi como se uma série de presunções sociais tivessem encaixado perfeitamente umas nas outras no instante em que uma mulher de trinta e poucos anos entrou na sala de exames. Na minha idade, devia dar prioridade à minha capacidade reprodutiva em detrimento da minha saúde.

Tive de esperar dois meses até me colocarem o DIU. Entretanto, por ironia do destino, tive um aborto espontâneo nesse curto período de tempo. Não fazia ideia de que estava grávida, porque as hemorragias não tinham parado. De qualquer maneira, o DIU não fez diferença nenhuma. Quando, dois meses depois, fui fazer a consulta de acompanhamento, disseram-me que devia esperar mais dois meses para ver se aquilo acalmava. Não acalmou.

Em Outubro regresssei à médica de família.

— Volte daqui a quatro meses — disse-me ela.

Naquele momento, comecei a chorar, ali mesmo, no consultório dela. Normalmente não choro com facilidade, mas estava mais do que desesperada.

— Não posso continuar à espera meses sem fim — respondi. — Não há quaisquer alterações.

— Então, o que quer que lhe faça? — perguntou ela, um tanto ou quanto na defensiva.

— Dê-me qualquer coisa que faça parar o sangramento e peça que seja vista por um ginecologista.

— Muito bem — disse-me.

Não tinha percebido que estava à espera de que lhe desse instruções sobre o que fazer. Receitou-me uma pílula contraceptiva e, três semanas depois, a maior parte da hemorragia parecia já ter acalmado. Com a indicação da médica para que consultasse um ginecologista, pude usar o seguro de saúde e marcar uma consulta.

Quando lhe contei a minha história, ele arregalou os olhos com incredulidade. Depois, fez-me um exame como devia ser. O meu cérvix, disse ele, estava vermelho-vivo, apresentava uma acumulação de tecido no exterior e sangrava ao menor toque.

— Ainda ninguém a examinou por causa disto? — perguntou ele. — É óbvio que não está bem.

Isto aconteceu na semana passada. No espaço de poucos dias, conseguiu que me fizessem um outro exame (desta vez transvaginal, feito com a ajuda de um ultrassom cómico em forma de dildo) e, na semana seguinte, uma colposcopia (que consiste em examinar o colo do útero com uma câmara que amplia as imagens) e uma biopsia.

Depois de o consultar, andei três dias a sorrir como um gato convencido, deliciada por ter finalmente a oportunidade de chegar ao cerne dos meus problemas. Depois, percebi subitamente o que aquilo podia significar. Na semana seguinte ia fazer um teste ao cancro cervical. Nem sequer conseguia pensar nas implicações que um teste positivo acarretava.